

Partidos podem dar trégua até o ano 2000

Os partidos que integram a coligação que reelegeram o presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB, PFL, PPB e PTB) e o PMDB devem estabelecer uma trégua informal nos próximos dois anos. Somente a partir do ano 2000 é que seus líderes e prováveis candidatos, segundo estimativa da maioria deles, consideram que estarão maduras as condições para deflagrar a disputa pela Presidência da República em 2002.

Os governadores eleitos por esses partidos são apontados como os principais nomes para a sucessão de Fernando Henrique. Mas o Presidente precisará ter muita habilidade para administrar a disputa partidária na formação do ministério, tomando cuidado para, dizem seus conselheiros, não consolidar privilégios. Os partidos aliados esperam o resultado das eleições para a Câmara e o Senado, para conhecer sua força política e reivindicar seu espaço no governo, armando-se para o futuro. O apetite é grande.

No PSDB, os potenciais candidatos são os governadores Mário Covas (SP), Tasso Jereissati (CE), desde que vençam em seus Estados, e o ministro da Saúde, José Serra. "Não há nenhum nome consolidado no partido", disse o líder do PSDB, deputado Aécio Neves (MG). O tucano acredita que os governadores vão passar por muitas dificuldades nos dois primeiros anos e que isto inibirá o início imediato da luta política pela candidatura presidencial para 2002.

No PFL, o nome de César Maia (RJ) figurou como presidencializável durante um bom tempo, mas isso dependerá de seu desempenho nesta votação. Jaime Lerner (PR), se ganhar agora, e o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (BA), são candidatos do partido a 2002. No PPB, o ex-governador Paulo Maluf quer vencer a eleição para o governo de São Paulo para disputar a presidência em 2002. No PMDB, os pré-candidatos são o governador Antônio Britto (RS), o senador Iris Resende (GO), o ex-deputado Jarbas Vasconcelos (PE) e o ex-presidente Itamar Franco (MG), se vencerem as eleições estaduais.